



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-PB  
CAMPUS III- GUARABIRA  
CENTRO OSMAR DE ARQUINO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ANA LÚCIA RODRIGUES DA SILVA

**HISTÓRIAS DO CANGAÇO E DA VIDA DE CHICO PEREIRA A  
PARTIR DA OBRA “VINGANÇA, NÃO”**

GUARABIRA-PB

2012

ANA LÚCIA RODRIGUES DA SILVA

**HISTÓRIAS DO CANGAÇO E DA VIDA DE CHICO PEREIRA A  
PARTIR DA OBRA “VINGANÇA, NÃO”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em História Orientadora (a): D<sup>a</sup>.Joedna Reis de Meneses.

GUARABIRA-PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

S587h          Silva, Ana Lúcia Rodrigues da

Histórias do cangaço e da vida de Chico Pereira a partir da obra “Vingança, não” / Ana Lúcia Rodrigues da Silva. – Guarabira: UEPB, 2012.

15f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Joedna Reis de Meneses.

1. Cangaço 2. Vingança 3. Injustiça  
I. Título.

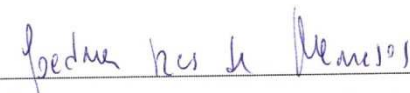
22.ed. CDD 900

ANA LÚCIA RODRIGUES DA SILVA

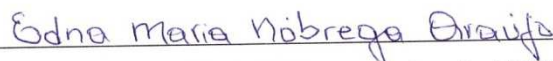
HISTÓRIAS DO CANGAÇO E DA VIDA DE CHICO PEREIRA A  
PARTIR DA OBRA “VINGANÇA, NÃO”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de  
Graduação em Licenciatura Plena em História da  
Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às  
exigências para obtenção do grau de Licenciada em  
História.

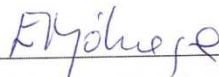
Aprovada em 11/12/2012

  
\_\_\_\_\_

Profª Dra. Joedna Reis de Menezes / UEPB-CH  
Orientadora

  
\_\_\_\_\_

Profª Dra. Edna Maria Nóbrega de Araújo / UEPB-CH  
Examinadora

  
\_\_\_\_\_

Profª. Dra. Elisa Mariana Medeiros Nóbrega / UEPB-CH  
Examinadora

## **HISTÓRIAS DO CANGAÇO E DA VIDA DE CHICO PEREIRA A PARTIR DA OBRA “VINGANÇA, NÃO”**

Ana Lúcia Rodrigues da Silva

### **RESUMO**

Este trabalho analisa a trajetória de Chico Pereira no cangaço, no período de 1922 a 1928, a partir da obra “Vingança, Não” de autoria de Francisco Pereira Nóbrega e de pesquisas em sites e obras de outros autores. Procura mostrar o cangaço vivido por um cangaceiro diferente dos demais atuantes no sertão nordestino. Francisco Pereira Dantas, conhecido por Chico Pereira, foi mais uma vítima da justiça tendenciosa que massacrava o sertanejo. Após a morte de seu pai, João Pereira, Chico prende o assassino e o entrega a polícia, mas esta o solta por conveniências políticas. Sem outra opção de fazer justiça ele se sente obrigado a vingar a morte do pai. Procura refúgio no cangaço, com a esperança de um dia se ver livre do crime e do cangaço também. Depois de muitas lutas achando que ia ser julgado e libertado foi traído por falsas promessas que o levaram a uma armadilha da qual não conseguiu escapar. Chico Pereira morre com 28 anos na estrada de Currais Novos, assassinado pela polícia do Rio Grande do Norte ao ser levado para o julgamento de um roubo que nunca cometeu.

Palavras-chave: Cangaço, Vingança e Injustiça

## **HISTÓRIAS DO CANGAÇO E DA VIDA DE CHICO PEREIRA A PARTIR DA OBRA “VINGANÇA, NÃO”**

O propósito deste trabalho será discutir a idéia de Cangaço presente no livro de Francisco Pereira Nóbrega intitulado “Vingança, Não”. Mostrando a saga de um sertanejo que aderiu ao cangaço por obrigação, para vingar a morte do pai em uma época onde a lei era a vingança. O livro é um depoimento que conta a trajetória de Chico Pereira no cangaço após o assassinato do seu pai, o coronel João Pereira.

O autor da obra “Vingança, não”, Francisco Pereira Nóbrega, nasceu no dia 24 de abril de 1928 na fazenda Jacu próximo à vila Nazarezinho município de Souza na Paraíba. Filho de Jardelina Nóbrega, professora de Pombal na Paraíba, e de Francisco Pereira Dantas, comerciante de material de construção que depois se tornou o cangaceiro conhecido por Chico Pereira, atuando no sertão entre 1922 e 1928. O autor nasceu em meio aos grandes conflitos familiares resultantes das diversas injustiças sociais que massacravam o sertão nordestino do

Brasil. As quais foram motivações para o surgimento de muitos bandos de cangaceiros na região. Foi uma criança que não teve o privilégio de conviver com pai, mãe e irmãos. Francisco Pereira Nóbrega tornou-se padre e escreveu o livro “Vingança, não” contando a tragédia ocorrida na família Pereira e os motivos que levaram Chico Pereira a ingressar no cangaço. Em 1968 deixou a batina. Em 1971 casou com Lígia Aparecida Moura Pereira Nóbrega com quem teve três filhos, Melissa, Mariana e Francisco.

Ele escreve no livro “Vingança, Não” histórias que lhes foram contadas, que ouviu nas ruas, nas estradas dos Estados Ceará e Paraíba, e relatos de amigos e inimigos da sua família. São depoimentos de testemunhas visuais dos acontecimentos que marcaram a vida de seus pais. Francisco Pereira Nóbrega é um historiador que usou na produção do seu trabalho, a história oral e pesquisa em processos criminais de várias comarcas de alguns Estados do Nordeste do Brasil, ele descreve como isso aconteceu,

“Para este trabalho de precisão histórica, fui encontrar, em seis comarcas de três Estados nordestinos, processos criminais, somando para mais de mil e quinhentas páginas. Confirmaram a tradição oral bem mais do que eu esperava. Deram-me datas e horas de acontecimentos que os sobreviventes já não precisavam mais, ou confundiam com os fatos do passado”. Além disto, encontrei ainda como subsídio para estas páginas, uma história de meu pai, escrita, por ele mesmo, em verso, e algum tempo contada por violeiros do sertão da Paraíba. São mais de 300 estrofes. (1989, p.15-16)

Chico Pereira era um jovem, de 21 anos, que morava na fazenda Jacu em Souza e levava a vida comprando cal pelo sertão. Sua vida se modificou com o assassinato do seu pai, João Pereira, o qual morre pedindo que ninguém vingue sua morte. Chico pega o assassino, entrega-o a polícia, mas ela o coloca na rua. Devido à falta de justiça ele esquece o pedido do pai e vinga sua morte, perde a paz e procura abrigo nos bandos de cangaceiros. Depois de diversas lutas em quatro Estados do Nordeste Chico Pereira foi morto misteriosamente a caminho de Acarí, onde iria ser julgado por um crime que nunca cometeu.

Em meio a diversas injustiças que predominavam no sertão nordestino a vingança era uma obrigação dos filhos de pais assassinados, era questão de honra para a família. Segundo Pontes, (1973) “Quando o chefe de uma família era assassinado, ou simplesmente ferido, um dos filhos, homem ou mulher, teria que se encarregar da vingança exigida, contanto que lavasse a honra da família ultrajada”.

E assim muitas famílias foram destruídas por décadas. Não tinham o benefício da justiça nem da polícia, a qual agia de acordo com o partido político dominante. Se um

assassino fosse do mesmo partido da polícia nada lhe acontecia, passava a ser a vítima da questão.

Homens se organizavam contra a polícia partidária, em busca de justiça formando os bandos de cangaceiros. Eram homens sem destino, que viviam ao relento, nas matas, estradas, se refugiando em qualquer lugar nos vários Estados do sertão nordestino. Deixavam tudo para trás, casa, família, paz em busca de melhores condições de vida em uma região onde predominava além da injustiça o flagelo da seca.

Mas este não foi o único motivo que levou o sertanejo a ingressar no cangaço. Existiram diversos motivos, desde a procura por justiça até o fascínio pela vida de cangaceiro, fugindo, lutando e se divertindo com a perigosa situação de vida. “Cangaceiros não era apenas o perverso, o tarado. Havia-os também honestos, incapazes da menor crueldade gratuita, de armas em punho só para tentar justiça.” (NÓBREGA, 1989, p. 26)

De início, o autor faz um resumo sobre o que aconteceu com seu pai Chico Pereira, após a morte de seu avô João Pereira, com sua mãe Jarda e com seus dois irmãos Raimundo e Dagmar. O autor fala sobre suas fontes, as quais procuram revelar um fato que aconteceu há mais de trinta anos contado até o presente onde o autor escreve a obra “Vingança, Não”. Fala das fontes orais encontradas nas ruas, viagens e estradas de vários Estados do Nordeste brasileiro. Depoimentos de pessoas que presenciaram os acontecimentos e pesquisas em processos criminais de comarcas de alguns Estados nordestinos. Deixa claro que escreve na posição de historiador e não de filho de Chico Pereira.

Francisco Pereira Nóbrega resolveu escrever esta obra quando entendeu que a tragédia acontecida na sua família incluía uma mensagem de justiça às autoridades, de amor e de perdão. Escreve os fatos reais como um depoimento, mas usa da imaginação ao descrever as paisagens físicas e os diálogos. Relembra algumas passagens de sua infância, cercada de mistérios, onde sua família queria esconder o passado de Chico Pereira. Mas alguém sempre o olhava e perguntava se era este menino que iria vingar a morte do pai.

O autor mostra um pouco sobre a vida de Jarda, suas mágoas, seus momentos de reflexão sobre o passado e o futuro. Sua vida foi, marcada por quatro assassinatos em sua família. O autor relata as mensagens misteriosas que Jarda recebia, as quais tinham como proposta a troca de perdão por felicidade. Só seria feliz se perdoasse seus inimigos, e ela aceita fazer a troca.

Na cidade de Souza, na Paraíba, chegavam os norte-americanos com o objetivo de fazer diques a mando do Presidente da República, o paraibano Epitácio Pessoa. A açudagem tinha por objetivo acabar com as secas. Acreditava-se que com as águas chegaria também a felicidade. Mas o Sertão era uma terra de muita seca e muitas vinganças:

A vingança era um dever sagrado. Um dever que filhos herdavam de qualquer pai assassinado. E seria vergonhoso, seria desonra inominável, numa família enlutada pelo homicídio, não aparecer o vingador.

O próprio povo ataçava o ódio: “Você não é homem.” “Não há homem na sua família.” “Gente mole assim, é melhor vestir saia.” (Ibid, p. 25)

Por questões de família muitos homens do sertão nordestino entram no cangaço como descreve Antônio Barroso Pontes na obra “O mundo dos coronéis”:

“Virgulino Ferreira, o Lampião, iniciou-se no cangaço levado pelo assassinato do pai. Chico Pereira, também, sendo que este fugiu de início à prática da vindita em obediência às últimas palavras paternas: \_ “Vingança, não”. Essas palavras deram motivo depois ao título do livro que o Padre Pereira escreveu sobre a vida do pai, e que obteve tal repercussão que hoje está traduzido em várias línguas.” (1970, p.133)

E assim muitas famílias foram destruídas durante décadas. A falta de justiça só agravava a situação do nordestino. O autor deixa claro que a polícia era do partido político do Governo do Estado e só era punido por crimes quem fosse contrário ao partido do Governo. E é assim que começa a surgir os cangaceiros, homens que eram contrários à polícia partidária. Bandos sem destino vivendo nas serras, nas matas, nos campos de vários Estados do Nordeste. Existiam os pobres e os de boas condições de vida, os calmos e os vingativos, os tristes e os felizes, os bandidos e os heróis, os culpados e os que eram vítimas, o perverso e o honesto, o que buscava aventura, riqueza e o que buscava justiça.

E em meio aos flagelos do sertão surgiu Chico Pereira. Ele era um jovem que vivia na fazenda Jacu com o pai João Pereira, a mãe Maria Egilda e os irmãos Aproniano e Abdias, o outro irmão, Abdon, estava terminando os estudos em Cajazeiras para depois cursar medicina no Rio de Janeiro.

O Presidente queria transformar a Paraíba por meio de açudagens. E um deles seria na fazenda S. Gonçalo, a qual pertencia aos Rochas, adversários político dos Pereiras, e depois de desapropriada se tornou uma vila. A açudagem naquele lugar traria tanto oportunidades financeiras como vantagens políticas. O coronel João Pereira tinha planos financeiros para seus filhos naquela vila. Tinha a fazenda Jacu, uma casa de negócios em Nazarezinho e depois construiu um barracão em S. Gonçalo.



Era o tempo das transformações com a açudagem. O surgimento da vila S. Gonçalo e o seu desenvolvimento financeiro. João Rocha rival político de João Pereira torna-se o delegado da vila e também constrói o seu barracão. Muitos retirantes chegavam procurando emprego, mas o que empregava o povo era o partido político que tinha mais poder. Na mesma época, foi aprovada uma lei que proibiu os sertanejos de andar armados na vila Nazarezinho, onde logo João Pereira foi escolhido como delegado.

Um dia, João Rocha discute com Abdias dentro do barracão de João Pereira, mas tudo termina bem. Além de rivais políticos, João Rocha e João Pereira eram compadres. Mas sempre existia uma tensão entre Rochas e Pereiras.

Chico Pereira que ajudava o pai no barracão decide procurar outro trabalho, torna-se comprador de material de construção pelo sertão. E é nessas viagens que ele conhece Jarda, na fazenda Pau Ferrado, menina de doze anos que teve o pai assassinado devido brigas por terra. A jovem era filha de D. Emília e Antônio Mamede.

No dia 11 de setembro de 1922, quatro homens armados chegam à casa de comércio de João Pereira em Nazarezinho. Era proibido andar armado, a intenção deles era proposital, pois sabiam que João Pereira tinha ordens para não permitir homens armados em Nazarezinho. João Pereira foi tirar satisfações e começou a confusão com tiros, facadas e luta corporal. No meio da confusão, no escuro dentro da casa de comércio, João Pereira foi atingido com um tiro fatal. Ali começou o distroço da família Pereira. Dos agressores só escapou Chico Dias e Zé Dias. Chico Dias desapareceu, restava como culpado apenas Zé Dias. Segundo Nóbrega, (1989) “Na fazenda Jacu, nos últimos momentos de vida, João Pereira diante de toda a família faz seu último pedido, o qual morreu repetindo: \_Entreguem tudo a justiça. Vingança, não.”

Todos, a partir da obra aqui analisada, tinham certeza de que a morte do coronel João Pereira foi premeditada. Mas não se sabia quem tinha sido o mandante, a suspeita caía para a oposição política. O único jeito de tirar a dúvida era prender Zé Dias. Mas o que o povo queria mesmo era que o filho mais velho, Chico Pereira, vingasse a morte do pai. Já que “vingança” era a lei do sertão.

Diante de tanta pressão Chico pedi ao delegado que prenda o assassino, mas a polícia nem o procura. Zé Dias andava livremente pela região sem medo da polícia devido às garantias políticas que recebera de que não ia ser preso. Chico procura o delegado outra vez, recebe novas promessas e a mesma decepção.

Chico voltou a receber notícias de Zé Dias. E começou a entender o que antes nunca entendera: como tantos homens adormeceram pacatos, honestos, equilibrados. E acordam bandidos, filiados à grande onda de cangaceiros que enchia os sertões. Era para este abismo que se sentia arrastado. (NÓBREGA, 1989, p. 49)

Chico Pereira procurou o delegado pela terceira vez, solicitou autorização para prender Zé Dias e este, por sua vez, autorizou. Chico prendeu Zé Dias, mas logo depois o soltou, por interesses eleitorais. Foi naquele momento que Chico decidiu vingar a morte do pai. Não existia outra solução. Ele passou meses a procurar Zé Dias e, quando o encontrou, o matou.

E vai se cumprindo o destino de Chico Pereira após a morte de Zé Dias. A sua prisão foi exigida com rapidez por ele ser do partido político oposto ao da polícia. Mas o delegado, do mesmo partido político de Chico, se recusou a prendê-lo sem as provas do crime.

Começou a surgir homens de vários lugares para juntar-se a Chico Pereira formando um bando. Eram homens que fugiam de questões com inimigos políticos, com patrões e questões de família. Esses homens, depois de cometerem assassinatos, procuravam segurança nos bandos de cangaceiros. Tinha os que matavam por obrigação e os que matavam por prazer. Até mesmo soldados se ofereciam ao ingresso nos bandos.

Seguindo os conselhos da mãe, Maria Egilda, Chico Pereira foi ao Juazeiro, no Ceará, falar com o padre Cícero. O padre prometeu enviar uma carta às autoridades de Souza pedindo que inocentassem Chico no júri que em breve aconteceria. E foi assim que aconteceu. Diante de toda uma falsa estrutura jurídica ele foi absolvido.

Após a absolvição em júri, Chico Pereira acreditava que sua questão havia terminado, adianta o noivado com Jarda, mas ainda continuou com o bando temendo emboscadas. Seu irmão, Abdon que estava no Rio de Janeiro estudando medicina sentia vergonha por ter um irmão junto aos bandos de cangaceiros. Com pouco dinheiro e sem querer preocupar a família, Abdon passava necessidades longe de casa.

Os cangaceiros decidiram invadir a cidade de Souza, em junho de 1924, depois que Chico Lopes, comerciante da vila Nazarezinho, levou uma surra do Dr. Otávio Mariz, no meio da feira, o qual pedia para Chico Lopes chamar Chico Pereira para ser surrado também. E foi com esta humilhação que Chico Lopes descobriu que tinha alma de cangaceiro. Resolveu revidar. Abandonou o comércio e foi procurar ajuda no bando de Lampião para invadir a cidade de Souza.

Lampião estava ferido, não podia acompanhá-lo, mas ofereceu parte do seu bando. Todos se dirigiram à casa de Chico Pereira na fazenda Jacu. Mas ele tinha dúvidas se ia ou não. Decidiu ir com a intenção de proteger seus amigos partidários da crueldade do bando, e

também, para buscar a surra prometida por Otávio Mariz. Ao saber da invasão a população ficou apavorada.

Ocorreu um verdadeiro desastre dentro de Souza com a invasão do bando de cangaceiros. Eles seguiram felizes para Souza, dançando e cantando a música “mulher rendeira”, a qual sempre foi o hino oficial dos bandos. Ao chegar à cidade Chico Pereira procurou a delegacia e informou à polícia que veio em busca de Otávio Mariz e por isso cercou a cidade de cangaceiros. O Tenente Salgado e a polícia se retiraram do local, não houve confrontos entre eles. Já Otávio Mariz fugiu da cidade após o término da sua munição. Souza estava em luta, mas não houve mortes. Apenas tiroteios e muito roubo, pois Chico Pereira não conseguiu controlar o bando. Como já era esperada, a culpa caiu sobre Chico Pereira e seu partido político. A única solução era seguir pelo sertão com o bando de Lampião, fugindo da morte.

Chico Pereira lutou para sobreviver longe de tudo e de todos da família, nas fugas pelo sertão nordestino. Ele passou com o bando por Piancó, Itaporanga, Diamante e muitas outras cidades, acompanhado dos irmãos de Lampião, Levino e Antônio Ferreira. Um senhor ofereceu ao bando, composto por sete homens, uma casa de taipa para ficar no sítio Areias do Pelo Sinal, próximo a Serra Talhada. A polícia junto a Clementino Quelé, ex-cangaceiro rival de Lampião, cercou a casa e começou o tiroteio, debaixo de chuva, todos cantando “mulher rendeira”. O tiroteio só parou depois que o civil Pierre de Sousa foi baleado.

Enquanto viveram nas escondidas em Pernambuco houve tiroteio todos os dias. Fugindo da morte ficavam dias sem dormir e às vezes sem comer, procurando lugar tranqüilo para se abrigar. Mas o lugar mais seguro se chamava Serra do Pau Ferrado. Era lá que Lampião se escondia. E foi lá que Chico Pereira também se refugiou. A serra era coberta de espinhos pontiagudos, Chico teve tantas perfurações nos pés que chegaram a inflamar dificultando a caminhada.

Salu era um morador da serra que um dia resolveu se esconder e matar o primeiro cangaceiro que surgisse, mas se enganou. Ao tentar sangrar um cangaceiro foi morto com um tiro disparado por Chico Pereira na escuridão da noite. Mesmo depois deste acontecimento Chico continuou escondido na serra.

Ao mesmo tempo, o Chefe de Polícia recebera de Pernambuco um pedido de ajuda contra Lampião e sua gente, escaramuçando entre os dois Estados. Vigorava o acordo interestadual, permitindo às milícias estranhas atravessarem fronteiras em busca dos cangaceiros. (Ibid, p. 104)

A polícia achava que Lampião estava no bando, e Chico Pereira achava que a polícia estava distante deles. Engano, a polícia se aproximava e Chico fugiu pelo canavial ao encontro do bando de Levino no topo da serra. Chico estava com os pés tão feridos que não podia mais andar. Passou a ser carregado por homens do bando. Levino o aconselhou que se entregue, mas ele não aceita. Vendo que a polícia se aproximava e que seria difícil lutar carregando um, Chico pediu a seus companheiros que o deixassem no canavial sozinho. Foi a última vez que viu os irmãos de Lampião.

Sozinho, ficou a escutar do canavial o fim dos tiroteios em Patos de Baixa Verde. Passou um dia sem comer e a noite na chuva e na lama. No segundo dia chupou cana e passou mais uma noite na chuva e na lama. No terceiro dia os pés já estavam cheios de bichos, pus, inflamados e com mosquitos rondando, foi mais um dia chupando cana. Passou mais uma noite na chuva com dor, febre e muito frio. No quarto dia foi picado por uma cobra ao tentar pegar uma cana que estava mais afastada.

Desesperado com os efeitos do veneno da cobra e com medo de morrer comeu tudo que encontrou a sua volta, tamiarana, ervas do chão e um vidro de molho de pimenta que estava na maleta. Achando que não sobreviveria resolveu escrever, para a família entender o que tinha lhe acontecido:

Quando minha família ler essas linhas, já sou morto. Morri aleijado, abandonado no canavial, pelos irmãos de Lampião, para não me entregar à polícia. Uma cobra cascavel me mordeu no polegar da mão esquerda. Adeus a Mamãe. Me bote sua bênção. A tristeza que levo é morrer sem ver a Senhora. Me perdoe se tiver queixa porque fiz a vingança que Papai não queria. Abraçe por mim Jarda, meus irmãos e os dela. Me assino de próprio punho". (DANTAS apud, NÓBREGA, p. 108)

Chico tinha tonturas, delírios e sangramentos quando foi encontrado por um senhor que cuidou dele por várias semanas. Durante esse tempo em que ficou desaparecido muitas pessoas achavam que ele estava morto, principalmente sua família.

A picada da cobra deixou Chico Pereira com a saúde debilitada pra sempre. Quando estava se sentindo melhor resolveu voltar pra casa. Tinha como plano casar-se com Jarda, procurar a justiça para ser julgado e absolvido de seus crimes. E depois sairia do cangaço e viveria em paz com a sua família. Mas se enganava, após voltar à Paraíba a polícia começa a procurá-lo novamente. Tinha soldados em sua casa todos os dias. A mãe o aconselhava a ir para Goiás para viver em paz. Ele queria ter uma vida tranqüila, mas não queria deixar o sertão.

Ficava de cabeça baixa, como o mais dócil dos filhos. A mãe falando e ele perdido em seus pensamentos: aquele ano de 1924! Quanta coisa num ano só! Em janeiro se refugiara no Juazeiro. Em março, comparecia ao júri. Em abril, pensando tudo resolvido, noivara. Em maio escapou de ser morto por Vicente de Bela. Em julho somou forças com os irmãos de Lampião para o assalto de Souza. E o resto do ano foi só para escaramuças com aquele bando. Quanta desgraça num ano só! E agora, 1925, estava ali, noivo que não podia casar, filho que não podia obedecer, perseguido que ninguém esquecia. (NÓBREGA, p. 116)

Aproximavam-se as eleições, os candidatos querendo votos facilitavam em júri. Essa era a esperança de Chico. A família pensava como seria o casamento de Chico Pereira, mas não encontravam um caminho. Jarda procurou o padre de Pombal, Valeriano, conta a sua triste situação e ele encontra a solução. O casamento teria que acontecer por procuração na igreja de Pombal.

A vida de Chico continuava do mesmo jeito. Aparecia em casa e desaparecia no mesmo instante com medo da polícia que o procurava por todas as partes. Enquanto ficou escondido nas matas escreveu em versos a trajetória de sua vida, destacando o banditismo, as questões de família, a injustiça que o destruiu, o porquê de ter se vingado e os momentos difíceis no canavial como coloca Nóbrega:

“Se não sabe do meu nome,  
Venha cá, dou-lhe um cartão,  
Meu nome é Chico Pereira,  
Penante neste sertão.  
Não sou perverso, bandido.  
Por sina, enfrento questão.”  
(p. 128)

“Me assino de próprio punho  
Francisco Pereira Dantas,  
Outrora manso nos tempos  
Da minha vida mais santa  
Aqui o mordido de cobra  
Que brevemente se encanta.”  
(p. 129)

Chico Pereira foi procurado por Tonho, irmão do Presidente do Estado. Dizia que o Presidente o ajudaria no júri. As eleições aconteceriam em julho, tudo estaria resolvido antes de outubro, mês da posse do novo Presidente. O acordo seria Chico não ir preso, se apresentar a delegacia e ficar em casa esperando o dia do júri. Chico se desfaz do grupo de cangaceiros, pois tinha garantias de segurança. Seu irmão Aproniano desconfiava de tudo. Chico estava livre novamente. Mas logo surgiu a notícia de um processo contra ele no Rio Grande do

Norte. Alguém dizendo ser Chico Pereira o homem que fazia assaltos no Rio Grande do Norte, lugar onde Chico jamais tinha ido.

O Presidente potiguar mandava espancar e matar presos, segundo noticiava os jornais de Recife. Um dia a polícia cercou a casa de Chico. Sargento João Ferreira e Tenente Manuel Benício vão a mando do governo falar com Chico Pereira. Tem ordens para ele se entregar antes de ir a júri, mas ele não se entregou. O resultado foi um tiroteio que durou horas, até os soldados recuarem um pouco e Chico fugir pela mata.

Todos os dias a casa de Chico amanhecia cercada de soldados. Tonho sabendo da situação volta a procurá-lo para justificar-se. De novo as mesmas promessas. Falava que a polícia tinha se enganado e que isso não mais aconteceria. Depois de muitos conselhos da família Chico decidiu ir para Goiás recomeçar a sua vida. Tonho, mais uma vez, convenceu Chico a não ir embora, prometendo que suas questões seriam resolvidas segundo garantias do Presidente. No dia do primeiro júri, em Catolé do Rocha, ele foi inocentado como havia sido prometido. Faltava, agora, o último júri que seria na cidade de Princesa.

Ao ir à festa da padroeira em Cajazeiras, Chico encontrou o Tenente Manuel Arruda. Ele, por sua vez, afirmou ter ordens do Presidente para Chico se entregar. Pensando em se livrar logo do júri de Princesa ele se entregou inocentemente. Caía em uma armadilha sem perceber. Ficou na cadeia de Pombal. Estava tão feliz com a esperança de em breve reunir seus filhos e esposa em uma casa e viver em paz, que não desconfiava de nada. Ao sair da cadeia de Pombal, achando que ia a Princesa, foi levado ao Rio Grande do Norte.

Fora traído pelo Presidente. Chico seria julgado por um roubo feito por Antônio Jerônimo, o qual ele conheceu na prisão, e mais três homens ao coronel Quincó, a mando de alguém que queria incriminar Chico. Para complicar a situação, o coronel Quincó era parente do Presidente. E o advogado de Chico, Café Filho, era jornalista e político contrário ao Presidente potiguar.

Em 02 de novembro de 1928, os jornais de Recife noticiavam que Chico Pereira teria morrido misteriosamente. Teria saído da cadeia de Natal para o júri em Acarí, mas não chegou à cidade. A família só ficou sabendo da tragédia depois que Abdias, na feira de Souza, encontrou um cantador narrando o acontecido em versos. Mas, a confirmação veio do advogado Café Filho, afirmando a Maria Egilda, mãe de Chico, que ele tinha sido morto a pancadas de carabina e depois os homens que o levava viraram o carro por cima dele na estrada próxima a Currais Novos. Nóbrega descreveu bem esse acontecimento,

“Era 28 de outubro de 1928.  
Chico Pereira morria com apenas 28 anos de idade.  
Seis deles passara em lutas que se estenderam a quatro Estados do Nordeste.”  
(1989, P. 170)

Após o falecimento de Chico, Maria Egilda pediu que os outros filhos, Aproniano e Abdias, não vingassem à morte de Chico e que todos saíssem do sertão para bem distante. O outro filho, Abdon, que estava no Rio de Janeiro passava necessidades, sem dinheiro e com a saúde fragilizada, mas não queria que a mãe soubesse. Um dia aparece de surpresa em casa, não tinha encontrado cura para a doença (tuberculose), e viera morrer perto da mãe. Naquela época não existia cura ainda para esta doença.

O povo da região achava que o irmão de Chico, Aproniano, vingaria sua morte. Logo a polícia volta a cercar a casa de Maria Egilda novamente, para prendê-lo, sem motivos. A pedido da mãe, Abdias e Aproniano vão embora da Paraíba. Ela fica só. Surgia a esperança de novos tempos com a presidência de João Pessoa. Maria Egilda procurou o Presidente, narrou o seu sofrimento e pediu garantias de paz.

Aproniano e Abdias voltam e encontram a Paraíba em confronto político. A cidade de Princesa se revelara contra o governo da Paraíba pertencente a Aliança Liberal. Princesa organizava sua defesa com centenas de homens armados e a ajuda de Washington Luiz, Presidente da República. Ele tinha como objetivo criar a desordem na Paraíba. A polícia se concentrava em volta de Princesa enquanto outras cidades ficavam desprotegidas. Homens eram chamados a lutar ao lado da polícia em defesa das cidades. Chamam Aproniano. Ele foi, mas depois da calmaria, de tudo resolvido, a polícia procura Aproniano e após lhe dar voz de prisão e o mata a tiros, sem motivo algum. Restavam apenas um dos irmãos de Chico: Abdias.

Jarda sofria imaginando o que seria de seus filhos ao crescerem. Medo que eles vingassem à morte de Chico como um dia ele fez.

Foi esta a mãe que conheci. Chegava cansada. Trazia escritas nas faces jovens as fadigas de todos os caminhos. Da casa de sua mãe para a de meus tios tinha que andar, ida e volta, 144 quilômetros, todas a cavalo. Era quase heróica aquela vida. Vinha somente para me ver, para ver cada um de seus filhos espalhados por casas que não a sua. Vinha somente para arrancar do coração dos filhos qualquer sentimento de vingança que o influxo do mundo tivesse suscitado. Ao meu lado passava algumas semanas, meses por vezes, e novamente lá se ia desaparecendo o anjo da guarda de nossos destinos. (NÓBREGA, 1989, p. 196 e 197)

Quando criança, de tanto ouvir as pessoas falarem em vingança, achava que ao crescer seu destino seria vingar a morte do pai. Mas Jarda fez tudo que estava ao seu alcance para isto

não acontecer. E o resultado de suas lutas foi a seguinte sobre seus filhos. Raimundo tornou-se engenheiro, Francisco tornou-se padre e Dagmar sacerdote franciscano. Jarda venceu com a ajuda de Abdias seu cunhado. Esse dedicou a vida aos sobrinhos, casando-se aos 52 anos de idade devido a promessa que fizera de fazer pelos filhos de Chico tudo que ele não pode fazer, e só casar depois que os sobrinhos estivessem criados. E seu casamento foi realizado pelo sobrinho padre Francisco Pereira Nóbrega, autor da obra *Vingança*, não.

Foram muitos os sertanejos que entraram no cangaço e por motivos diversos. Existia o cangaço de “vingança”, o qual era mais comum. Nele entravam com o objetivo de junto a um bando se vingar de alguém por questões políticas ou de família. O cangaço “meio de vida”, onde buscavam sobreviver às desigualdades sociais que predominavam na região sertaneja. E o cangaço de “refúgio”, para onde fugiam depois de ter cometido algum crime. Cangaceiros também existiram diversos tipos. Os que entravam para vingar, por achar divertido, achando que iam ganhar dinheiro com facilidade e os que entraram para se refugiar. Esse foi o caso de Chico Pereira, um cangaceiro diferente que não teve outra opção, entrou por obrigação, e queria apenas se proteger, ser livre, sair do cangaço e viver em paz com a família.

## **ABSTRACT**

This paper analyzes the trajectory of Chico Pereira in banditry in the period from 1922 to 1928, from the book "Vengeance, No" written by Francisco Pereira Nobrega, research sites and works of other authors. Seeks to show the bandits lived by a bandit different from others working in the northeastern hinterland. Francisco Dantas Pereira, known as Chico Pereira, was another victim of biased justice who massacred the backcountry. After the death of his father, John Pereira, Chico holds and delivers the killer the police, but that the loose for political convenience. No other option of doing justice he feels compelled to avenge his father's death. Seeks refuge in banditry, with the hope of one day getting rid of crime and banditry too. After finding that many fights would be tried and freed was betrayed by false promises that led him into a trap from which it escaped. Chico Pereira dies aged 28 in New Corral road, killed by police in Rio Grande do Norte to be brought to trial for a robbery he never committed.

Keywords: Cangaço, Revenge and Injustice

## **REFERÊNCIAS:**

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**. Rio de Janeiro, 1978. Editora: Civilização brasileira S. A. 5ª edição.

MACIEL, Frederico Bezerra. **Lampião, seu tempo e seu reinado**. II A guerra de guerrilhas (fase de vinditas). Editora: Vozes LTDA. Rio de Janeiro, 1985.



MACIEL, Frederico Bezerra. **Lampião, seu tempo e seu reinado**. VI Lampiônidas (volume complementar e analítico). Editora: Vozes. Petrópolis, 1988.

NÓBREGA, F. Pereira. **Vingança, não: Depoimento sobre Chico Pereira e cangaceiros do Nordeste**. João Pessoa, 1989. 3ª edição.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Os cangaceiros: Ensaio de interpretação histórica**. São Paulo: Boitempo, 2010.

PONTES, Antônio Barroso. **O mundo dos coronéis**. Rio de Janeiro, 1970.

PONTES, Antônio Barroso. **Cangaceirismo do Nordeste**. Rio de Janeiro, 1973. Editora: O cruzeiro S. A.

Sites:

Acessado em 23/03/2011: - SOARES, Mariana Cysneiros Cavalcante. As influências de Lampião e do cangaço na moda. In: [http://www.faculdadesenacpe.edu.br/encontro-de-ensino-pesquisa/2011/I/anais/comunicação/018\\_2007\\_oral.pdf](http://www.faculdadesenacpe.edu.br/encontro-de-ensino-pesquisa/2011/I/anais/comunicação/018_2007_oral.pdf).

Acessado em 01/04/2011: - LUNA, Francisco Canindé Tinoco de. A figura de Lampião na literatura de cordel. In: <http://pt.scribd.com/doc/57718588/A-FIGURA-DE-LAMPIO-NA-LITERATURA-DE-CORDEL>.

Acessado em 01/04/2011: - CLEMENTE, Marcos Edilson de Araújo. Cangaço e cangaceiros: histórias e imagens fotográficas do tempo de Lampião. 2007. vol. 4. In: [http://www.revistafenix.pro.br/PDF13/DOSSIE\\_ARTIGO\\_13\\_Marcos\\_Edilson\\_de\\_Araújo\\_Clemente.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF13/DOSSIE_ARTIGO_13_Marcos_Edilson_de_Araújo_Clemente.pdf)

Acessado em 01/04/2011: - SIQUEIRA, Ana Marcia Alves. Crime, violência e maldade na “literatura do norte”, uma problemática em questão. In: <http://periódicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1559/1656>

Acessado em 01/04/2011: - SÁ, Antônio Fernando de Araújo. Memória do Cangaço no Sertão do São Francisco. In: <http://seer.bce.unb.br/index.php/textos/article/view/1713/1331>

Acessado em 23/03/2011: - VILLELA, Jorge Mattar. Cangaço e formação de bandos armados no sertão de Pernambuco. In: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/81/80>

Acessado em 24/10/2011: - XAVIER, Ismail. Da violência justiceira à violência ressentida. In: <http://journal.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/9777/9009>

Acessado em 01/04/2011: - SILVA, Alexandre Alves da; e ALENCAR, Alênio Carlos Noronha de. Os cangaceiros na literatura brasileira. 2008. In: [http://www.uvanet.br/rhet/artigos\\_setembro\\_2008/cangaceiros.pdf](http://www.uvanet.br/rhet/artigos_setembro_2008/cangaceiros.pdf)